



por Marcus Meneguetti e
Leandro Rodrigues

O peruano Oscar Jara é sociólogo e educador. Estudou com o pedagogo Paulo Freire, aplicando a pedagogia freiriana em instituições voltadas para a Educação Popular. Desde os anos 1970, percorre a América Latina difundindo um modelo de ensino que estabeleça uma relação de via dupla entre educador e educando, um modelo de ensino cujo conteúdo programático seja escolhido de acordo com as necessidades dos alunos. O educador acredita que “a principal função do professor é desenvolver uma consciência crítica nos alunos, não transmitir um conhecimento estático, pré-estabelecido.” Seguindo a tradição freiriana, Oscar Jara não se cansa de defender a educação como elemento de transformação social. Durante o 14º Salão de Extensão da UFRGS, lançou o livro “A sistematização de experiências, prática e teoria para a construção de outros mundos possíveis”. Nesta entrevista para a Pró-Reitoria de Extensão (Prorext), o sociólogo falou sobre a importância do conhecimento, da universidade e da extensão universitária como elementos transformadores da sociedade.

Existe educação popular sem conscientização social?

Não, na medida que a educação popular é um processo de produção do conhecimento para a transformação social. Para gerar processos de transformação, você tem que ter consciência do motivo pelo qual quer fazer aquilo. Então, é muito difícil que aconteça um processo de educação popular sem esse processo de conscientização social. Em linhas gerais, a educação popular implica numa reflexão crítica sobre a realidade, envolve processos de consciência crítica.

Educar significa pensar sobre a própria realidade?

Educar significa aprender da própria realidade. Porque, primeiro, você tem que pensar. Mas, não apenas pensar. Talvez você tenha que sentir, intuir, imaginar, comparar... de tal maneira que a produção de ideias não é algo apenas racional. É algo que vem também do convívio. Aliás, o convívio deve ser tomado como objeto de aprendizado para, dessa forma, se converter em orientação para a ação. Nesse sentido, sim, educar significa pensar sobre a própria realidade.

Para que serve o conhecimento?

O conhecimento em si mesmo não tem muito sentido. É preciso conhecer para penetrar nas causas, nas condições dos

acontecimentos do mundo. Mas, principalmente, o conhecimento deve servir para saber como agir frente a tais acontecimentos. É o conhecimento, nesse sentido crítico, que permite que o aluno vá além da posição de aprendiz, para também perguntar-se o que fazer ante isso que acontece. Afinal, não estamos afastados do que acontece no mundo. Cada vez que a gente aborda um objeto de estudo, a gente está abordando também o contexto do objeto de estudo e, portanto, os desafios que esse contexto nos coloca. Nunca podemos ter uma aproximação neutra, porque, mesmo que o sujeito vise uma neutralidade, está assumindo uma posição que significa que não quer se comprometer com aquilo que pretende conhecer. Nesse sentido, não é um conhecimento verdadeiro, porque, o conhecimento verdadeiro surge quando você se aproxima num esforço de ação e transformação sobre a prática.

Onde entra a Universidade no processo de transformação social?

A universidade tem sua própria história. É uma entidade que normalmente serve às classes dominantes que puderam ingressar na universidade. Cada vez mais, as universidades estão se tornando mais abertas, públicas, gratuitas, inclusivas, mas normalmente o ingresso na universidade foi reservado a algumas pessoas da elite. Então, as universidades tem responsabilidade na criação das concepções que existem na sociedade, que existem nas pessoas que detêm o poder, porque essas pessoas têm se formado nessas universidades. Por exemplo, durante muito tempo, se pensou que, para exercer um cargo público, você tinha que passar pela universidade, pois, supostamente quem passava pela universidade tinha mais suportes para assumir os cargos públicos. A história tem mostrado que isso não é verdade. Existem pessoas que não passaram pela universidade e que se mostraram melhores governantes que muitos formados na universidade. Por exemplo, o Lula, Evo Morales, etc.

É possível pensar a universidade sob a perspectiva da educação popular?

A educação popular, até pouco tempo, era considerada como uma modalidade de educação restringida a algumas técnicas, com metodologia específica, voltada ao processo de alfabetização de adultos. Mas, agora consideramos que a educação popular representa outra concepção de educação, outra maneira de enxergar os

papeis da educação nos processos sociais, econômicos, políticos, culturais... É uma educação que vincula teoria e prática, que aborda os problemas reais da vida dos alunos, que visa a transformação social. Mas ainda estamos aprendendo como fazer educação popular na universidade. Essa tarefa [implantar a educação popular nas universidades] exige um compromisso ético e político das universidades. Exige que as instituições de ensino façam mais do que apenas transmitir ideias fixas, mas também desenvolvam nos alunos a capacidade de produzir conhecimento. A ideia de educação tradicional não considera que o conhecimento cotidiano tenha algum valor, por isso, estabelece a ideia de que só o conhecimento científico deve ser transmitido. Por outro lado, a Educação Popular trabalha com um diálogo de saberes entre o conhecimento cotidiano e o científico, integrando esses dois elementos. A EP tenta fazer com que as pessoas desenvolvam sua própria capacidade de conhecer, de questionar, de pesquisar, de comunicar, de relacionar os diversos fenômenos. E, assim, desenvolvam um senso crítico dentro da sala de aula, mas não circunscrito à sala de aula. Então, a educação popular pode se converter num elemento de reinvenção da universidade.

Qual a importância da extensão na universidade pensada sob a perspectiva da Educação Popular?

Na concepção tradicional de universidade, o ensino é regido por um maestro que comanda a aula. Os alunos recebem o conteúdo que, posteriormente, durante a avaliação, deverá ser reproduzido para ver se o aluno será reprovado ou aprovado. Ainda dentro do conceito tradicional de universidade, a pesquisa é vista como o elemento mais importante, sendo que o papel de pesquisador está reservado para algumas pessoas; o ensino é a transmissão daquilo que é pesquisado; e a extensão é feita para a universidade não ficar mal, para trabalhar com algumas pessoas que estão fora do campus. Pelo menos, essa é a ideia tradicional que se tem do ensino universitário. Numa Educação Popular, aquilo que se chama de Extensão Universitária consiste numa via através da qual a sociedade traz temas para a docência e a pesquisa.

A educação popular propõe um trabalho que integra várias disciplinas, num currículo integrado que explora a problemática da realidade dos alunos, cujos problemas podem ser analisados do ponto de vista da matemática, geografia, história, sociologia, etc. Essa é uma das maneiras de como a educação popular pode contribuir para reformulação da educação não só da universidade, mas também do ensino médio. Há muitos exemplos na América Latina de experiências nesse sentido: experiências de currículo integrado que fazem os alunos pesquisar sobre sua própria realidade, que mostram aos alunos que os elementos da vida cotidiana são elementos de estudo para serem aprofundados em comunhão com outros elementos do conhecimento científico.